

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP
ISSN: 2526-7892

ARTIGO

MASCULINO E FEMININO: WALTER BENJAMIN E A ANTI-PHYSIS¹

*Olgária Matos*²,

Resumo:

O objetivo deste ensaio é apresentar as figuras do amor platonizante, do feminino e de suas anamorfozes, o enamoramento em meio às contingências da subjetividade, do presente e do futuro incerto.

Palavras-chave: Amor; Logos; Paixão; Desorientação; Feminino.

Abstract:

The purpose of this essay is to present the figures of benjaminian love, the feminine and its anamorphosis, amidst the contingencies of subjectivity, of the present and of the uncertain future.

Keywords: Love; Logos; Passion; Desorientation; Female.

¹ Masculine and Feminine: Walter Benjamin and the anti-physis.

² Professora Titular do Departamento de Filosofia da FFLCH da USP e Professora Titular do Departamento de Filosofia da EFLCH-Unifesp/Guarulhos. Autora de *Os arcanjos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia, a revolução*; *O iluminismo visionário: Walter Benjamin, leitor de Descartes e Kant*; *Benjaminianas: reflexões sobre o fetichismo contemporâneo*; *Palíndromos filosóficos: entre mito e história, entre outros*. Endereço de e-mail: olgaria@uol.com.br.

O amor é, em Benjamin, a um só tempo, “conceitual” e autobiográfico, vinculado à idéia de imaginação. Assim, na *Rua de mão única*, com seus fragmentos de memória na Berlim da Belle-époque, ela é a faculdade pela qual se realiza o desejo de reaver o que foi perdido, a recordação restaurando o tempo vivido em sua ausência real. Nesse sentido, escreve Mathias Giuliani:

Pode-se afirmar que o amor é o princípio que ocupa um lugar central nesta constelação colorida de idéias. O princípio do amor entre duas pessoas continua a ser o elemento que dá início à construção deste sistema eidético, presente constitutivamente na imaginação [...]. O desejo amoroso é, pois, o princípio em que se situa a possibilidade de estabelecer um sistema de afinidades transcendentais no mundo das “coisas que não são mais”.³

Em Benjamin, o amor procura sempre as mesmas formas, pois só assim é possível ao eterno ressurgir ele mesmo e um outro. Como em Proust, o amor benjaminiano repete sempre a mesma Albertina. E como a *Fixierung* freudiana o explícita, ao referir-se à fixação do desejo, trata-se do apego a um “protótipo” que leva a reproduzir, repetindo, um modo de gratificação do passado – o que não compromete a “livre mobilidade do amor”, capaz passar de um objeto a outro –, suscetível de fixar-se em um certo *Eidos* amoroso. É uma tal fidelidade ao que transcorreu que não permite ao desejo voltar-se para um objeto diverso daquele que foi amado uma primeira vez: “*Einmal ist Keinmal*” (uma vez é nenhuma vez), de onde o “*noch Einmal*” (“mais uma vez”):

Eis que a felicidade seria completa se se pudesse dizer “*noch Einmal*”, “mais uma vez”. Nesse sentido, a segunda vez é a primeira porque a confirma na consciência, a primeira vez tendo sido vivida “abstratamente”, e, por isso, continuar não significa sempre ir adiante.⁴ Assim, já em um escrito de 1913 sobre o amor, lê-se:

Não me parece contraditório que o amor vise sempre as mesmas formas. Senão, como algo [...] de imutável poderia aparecer sempre transformado? O momento de amizade mais intenso incarna-se [para um e para o outro dos amigos] como um beijo. [...] O que resta a uma mãe que vê seu filho salvo de um perigo que durou muito a passar, se não for um beijo absoluto, para liberar o coração tão longamente atormentando? O que resta aos esposos numa despedida, [se] um adeus pode se tornar uma separação eterna? Nenhuma palavra – nenhuma visão de olhos abertos –, o último adeus pode se prolongar [indefinidamente] a partir de um beijo.⁵

³ GIULIANI, Mathias. *Histoire, Langage et Art chez Walter Benjamin et Martin Heidegger*. Paris: Klincksieck, 2014, p. 32.

⁴ De inspiração cabalista, essas considerações de Benjamin suscitam o ideário segundo o qual, abrindo-se o Livro [sagrado] uma segunda vez, se verificará que a linguagem mudou e ampliou sua significação, nesse meio tempo. Assim como para os cabalistas, a palavra escrita ainda permanece a mesma, viva.

⁵ BENJAMIN, Walter. **Gesammelten Schriften**, VII-1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972, p. 16. Trata-se de um diálogo filosófico entre as personagens Agathon, Vincent e

Resistente à mudança, o anacronismo não é simples permanência no que foi um dia – sobrevivência, espectro ou fantasma – mas um retorno do passado que contraria, conservando e transgredindo, a finitude e a morte. Antitélica, a experiência do amor liga-se ao tempo, na coexistência de uma dupla lógica – o presente não supera o passado, e a “repetição” não é simples passividade, porque o prazer se concentra em um só instante, dos quais não poderia haver sucessão, nenhum momento conhece antecipadamente o que o próximo trará. Por isso, o *Jetztzeit* é reconstrução do passado no agora, e, por ser passagem entre o passado e o futuro, é experiência concentrada no “agora”, que abole o sentimento da passagem do tempo. A instantaneidade dramática do momento, no jogo e no amor, é a ilusão de intensificar o átimo através do risco, reduzindo-se a duração, liberando-se da escravidão do tempo: “Pois o que importa a eternidade da danação a quem encontrou em um segundo o infinito do prazer?”⁶ Analisando a obra de Proust e a ressurgência do passado entrecruzado em um instante do presente, Benjamin escreve:

Sobrevivem em Proust alguns traços de idealismo. A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado [...]. O desejo de felicidade [...] brilhava em seus olhos. Não eram olhos felizes. Mas a felicidade estava presente neles, no sentido que a palavra tem no jogo ou no amor.⁷

Não por acaso, nas *Passagens*, o jogo de aposta e a prostituição encontram-se reunidos por elementos comuns, não apenas proximidade espacial – lado a lado encontravam-se a casa de jogos e as “*maisons de plaisir*” –, mas principalmente por que em ambos se busca o átimo de prazer:

Aquilo que mira o jogador a partir de cada número sobre o pano verde – a sorte – dirige-lhe uma piscadela vinda de todos os corpos femininos como a quimera da sexualidade: como o seu tipo [...]. O tipo é a casa da aposta – que rende trinta e seis vezes o valor apostado – sobre a qual recai sem querer o olhar do libertino, como a bolinha de marfim que cai na casa vermelha ou na preta [...]. Pois no bordel e no salão de jogos

Sophia. Em carta de 1913 à amiga Carla Seligson, Benjamin escreve: “Eu senti hoje a extraordinária verdade da palavra de Cristo: ‘vede, o reino de Deus não está aqui nem em outra parte, ele está em nós’. Eu gostaria de ler com você o diálogo de Platão sobre o amor no qual isto está tão bem dito e pensado e com uma profundidade tal que não se encontra certamente em nenhum outro lugar.” (BENJAMIN, **GS I**, p. 86). Para Mathias Giuliani, essa passagem confirma a idéia segundo a qual foi através do princípio do amor que se cristalizou, filosoficamente, o primeiro modelo do messianismo em Benjamin. (Cf. GIULIANI, Mathias. *L’amour et l’imagination chez Walter Benjamin: lecture rétrospective de “Enfance berlinoise vers mil neuf cent”*. **Revue de littérature comparée**, v. 1, n. 325, 2008, p. 79-94).

⁶ BAUDELAIRE, Charles. **O Spleen de Paris**: pequenos poemas em prosa. Trad. Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Imago, 1995. A instantaneidade interrompe, provisoriamente, a “ditadura do tempo”. Cf. “O relógio”, em BAUDELAIRE, 1995b.

⁷ BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. **Obras escolhidas I**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 38.

trata-se do mesmo deleite, que é o mais pecaminoso:enfrentar o destino no prazer.⁸

Assim como o jogador, absorvido pelo jogo, tem sempre um “peso no coração” – porque sempre há a dúvida no momento crucial da decisão –, também o enamorado, “através de apostas cada vez mais arriscadas, que deveriam devolver o que perdeu, se dirige para a total ruína”.⁹ André Roger não deixa de observar que o amor é um desafio, de onde a ambiguidade de não se querer ganhar o jogo e talvez o prazer em perder.Eis em Benjamin inclinações a paixões sob o signo de Saturno. Do mesmo modo que a asma angustiada tornou a obra proustiana possível, a melancolia o foi para Benjamin. No esboço a sua autobiografia, escrita em Ibiza no início de seu exílio, quando é forçado pelo Nazismo a deixar a Alemanha, Benjamin anota: “Nasci sob o signo de Saturno, o planeta da revolução mais lenta, dos desvios e das demoras”.¹⁰ Benjamin não atribui à astrologia unicamente a revelação mítica do destino, mas também um entrelaçamento mimético com a vida de cada um para, justamente, esquivar-se do destino:

Que um homem tenha ido fazer sua análise grafológica, ler sua vida nas linhas da mão, traçar o seu horóscopo, [a isso] só colocaremos [...] uma questão: o que acontece com ele? [...] Eis como as coisas se passam. A pretensa imagem interior que trazemos conosco de nossa própria essência é, de minuto em minuto, pura improvisação. Ela se orienta, inteiramente, segundo as máscaras que lhe são apresentadas. O mundo é um arsenal de tais máscaras. Só o homem [...] devastado procura este arsenal, como uma fantasia e um disfarce, em seu próprio interior.Nós-mesmos somos, nisto, frequentemente, os mais carentes. [Os adivinhos] que nos mostram uma caixa de máscaras exóticas [nos permitem] olhar através delas, o que nos mergulha no encantamento. Nós vemos as constelações, os instantes em que propriamente fomos e para valer uma ou outra destas personagens, ou todas ao mesmo tempo. A este jogo de máscaras ansiamos como uma embriaguez, e é o que faz viver até hoje cartomantes, quiromantes e astrólogos. Eles sabem nos mergulhar nessas pausas silenciosas do destino, em que só se dá conta, depois de consumado, que elas continham o germe de um bem outro destino do que o que nos foi reservado.¹¹

⁸ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Cleonice Mourão e Irene Aron. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 531.

⁹ Cf. BENJAMIN, Walter. Jogo e prostituição. **Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 271. A ruína viria a ser apresentada por Benjamin na continuidade de suas considerações sobre o Angelus Novus, como “imagem feminina” que, figurada em anjo, desejaria atingi-lo e arruiná-lo. Cf. SCHOLEM, Gershom. **Walter Benjamin und sein Engel**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983.

¹⁰ BENJAMIN, **GS VI**, p. 522.

¹¹ BENJAMIN, 1980, p. 31-32.

Melancolia das ocasiões perdidas, nem por isso os astros impõem um destino. E, assim, Saturno, regente da melancolia, possui uma natureza dupla e contraditória, governa tudo que tende à tensões sem solução; ao mesmo tempo, astro do luto impossível e da tristeza, mas também da insanidade e do gênio: “sob a influência de Júpiter, os eflúvios malignos se transfiguram em inspiração benéfica, Saturno se tornando o protetor das investigações sublimes”¹² Desse modo, disposto o mais distante na órbita do Sol, Saturno preside a meditação e uma particular forma de atenção, a contemplação. Não por acaso, Dora, com quem fôra casado, diria sobre Benjamin a Scholem que “sua espiritualidade se opunha a seu Eros”.¹³

Com efeito, em seu ensaio “O surrealismo: último instantâneo da inteligência europeia”, Benjamin considera o amor cortês uma “iluminação profana”. Diferente da “iluminação religiosa”, mas também contendo-a, o amor é “exercício espiritual” e “prece natural”, com os mesmos efeitos de uma droga, “droga superior”, que ultrapassa o “real”. Citando Auerbach, Benjamin escreve:

Todos os poetas do ‘estilo novo’ têm amantes místicas. Todos experimentam aventuras de amor muito parecidas, a todos o Amor concede ou recusa dádivas que mais se assemelham a uma iluminação que a um prazer sensual, e todos pertencem a uma espécie de sociedade secreta, que determina sua vida interna, e talvez também a externa. Essas características são estranhamente associadas à dialética da embriaguez. Não seria cada êxtase em *um* mundo sobriedade recatada no mundo complementar? A que outro fim visa o amor cortês [...] senão demonstrar que a castidade pode ser também um estado de transe?¹⁴

¹² Cf. BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

¹³ CHAVES, Ernani. Sexo e morte em ‘Rua de mão única’. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: Annablume, 1999. Com efeito, há toda uma bibliografia que trata do amor (por sublimação) de Benjamin pelos livros, em que o escritor e o colecionador se fundiam no “antiquário-filósofo”. Esse amor foi capaz de transformar os riscos da bibliomania em verdadeira paixão: “Tal paixão foi tanto mais intensa quanto mais era contrariada. Benjamin elaborou uma certa arte de viver em seus livros, depois sem seus livros [...]. E esta arte da [posse] e em seguida da desposseção tornou-se um elemento decisivo de sua filosofia da história. Por muito tempo, Benjamin pressentiu o preço que ele deveria pagar por seu amor pelos livros: o de uma vida. Se um dia ele despertou do mundo encantado dos livros, talvez tenha sido dando-se a morte no momento de atravessar a fronteira espanhola para escapar dos nazistas. Isto é, [sacrificou sua vida] àqueles que, em Berlim, haviam queimado seus livros e confiscado sua biblioteca particular e que, perseguindo-o até mesmo na França, o expulsavam do ‘ninho’ que ele fabricara para si numa biblioteca pública [a Biblioteca Nacional de Paris].” COQUIO, Catherine. Walter Benjamin et ses bibliothèques: collections et passages. **La revue des ressources**, 20 Out. 2011. Sobre Paris, Benjamin escreveria ser essa Biblioteca “uma imensa sala de leitura que o Sena atravessa”. BENJAMIN, Walter. Paris: a cidade no espelho. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 195.

¹⁴ “O surrealismo”, em BENJAMIN, 1994, p. 25. Também Cf. MOTTA, Leda Tenório da. **Vista das musas no trópico**: de volta à crítica da crítica. São Paulo: Lumme, 2016.

Eis assim que, no amor cortês, o cavaleiro suporta tudo por sua dama, contentando-se dos favores mais ínfimos e os menos substanciais; e, quanto mais o objeto de seu amor vai no oposto da recompensa, mais ele o superestima e o eleva, esse objeto de eminente dignidade.¹⁵ Como no amor cortês, as amadas benjaminianas são sempre inacessíveis ou casadas.¹⁶ Durante seu casamento com Dora, apaixonou-se, em 1918, por Julia Cohn, de quem tenta se aproximar, sem sucesso. Anos mais tarde, Benjamin lhe escreveria: “Você sabe o quanto a amei. E mesmo agora que estou a ponto de morrer, minha vida não possui dom mais precioso senão o que lhe conferiram os instantes em que sofri por você.”¹⁷

Contrariando o cânone universitário que separa filosofia e vida, Benjamin desconsagra as teorias do Sujeito soberano, substancialista ou transcendental, em longos diálogos “dialético-amorosos” com Asja Lacis, contradizendo a filosofia que só considera a paixão em termos geométricos ou morais, em tratados teóricos, como Descartes, Espinosa ou Kant, que, com poucas exceções, só fala do que é singular e único, em termos universais, como também Hegel. Nas cartas, discretas sobre o amor, Benjamin se dedica mais à exegese de seus trabalhos – o confronto com o marxismo “profissional” ou sobre seus projetos; já em livros, Benjamin nomeia a mulher amada, colocando-a diretamente na dedicatória de *Rua de mão única*, como para indicar que o amor é uma experiência iniciática ao pensamento filosófico moderno, ampliando-o em um “Eu” emotivo: “Esta rua se chama Asja Lacis, em homenagem àquela que na qualidade de engenheiro a traçou [no coração] do autor”. Foi esse nome que deu um sentido a essa rua e um significado político à crise da República de Weimar. Benjamin a conheceu em 1924 num café de Capri, sempre citada *en passant*, em sua correspondência, como “uma pessoa que merece ser notada”, uma “bolchevique lituana de Riga, atriz e diretora de teatro.” Em suas cartas, ele descreve sua estada na Ilha do Mediterrâneo – que, turística, em nada se assemelha a uma vida pacata –, como a cidade mais propícia à realização de seu trabalho e muito produtiva do ponto de vista de “uma liberação vital e da percepção da atualidade de um comunismo radical”: “conheci uma revolucionária russa, uma das mulheres mais esplêndidas de toda a minha vida”. Ou “mergulhei na leitura de *História e Consciência de Classe*, de Lukács”, em que Benjamin espera encontrar “as razões de seu [de Lukács] niilismo” (pelo qual se opõe ao otimismo da dialética hegeliana), e entre aqueles com quem discutia a questão, havia “uma comunista maravilhosa que trabalhava para o partido desde a revolta da Duma”. Mais tarde, Benjamin se comunica de

¹⁵ Cf. LACAN, Jacques. **Angoisse**. Paris: Seuil, 2004; Cf. também Leda Tenório da Motta, que analisa o amor cortês evocando uma “demanda de não-real”: “Em amor, o objeto é ambicionado como inacessível; logo, é sua inacessibilidade que mais se ambiciona, ou é o próprio amor que se ama.” MOTTA, 2016, p. 19.

¹⁶ Citemos, já de início, seu amor por Asja Lacis, casada, lembre-se, com Bernhard Reich. Sobre essa relação, Scholem anotou que ela era um “quebra-cabeça”. Cf. SCHOLEM, Gershom. **Walter Benjamin: a história de uma amizade**. Trad. Geraldo Gerson de Souza et al. São Paulo: Perspectiva, 1983; Cf. MCGILL, Justine. The Porous Coupling of Walter Benjamin. **Angelika**, v. 13, n. 2, Ago. 2008; Cf. BENJAMIN, Andrew. Porosity at Edge: Working through Walter Benjamin’s ‘Naples’. **Architectural Theory Review**, v. 10, 2005.

¹⁷ “Briefe”, em BENJAMIN, **GS IV**.

Frankfurt com seu amigo Scholem, referindo-se a seu ensaio “Nápoles”, escrito com “alguém” que conhecera em Capri. À sua amiga Jula Radt, ele escreve de Moscou, para onde partira em 1924 no desejo de rever a amada, porque “passear nas ruas com a temperatura abaixo de vinte e seis graus negativos é não apenas bom para a saúde, mas traz um imenso bem-estar.” E ainda adia uma viagem a Jerusalém para meados de dezembro de 1926, porque esta dependia de uma possível viagem a Berlim, com uma “amiga de Riga”, diretora de teatro infantil em Moscou, a quem deveu “ter sido comunista sem ter sido marxista”.¹⁸ De Ibiza, troca cartas com Gretel Adorno, revelando-lhe seu interesse pela leitura da *História da revolução russa* e de *Minha vida*, de Trotski, “por sugestão de Asja Lacia”. De Paris, em 1935, procura saber se Brecht conseguiu encontrá-la na Rússia, apesar das dificuldades políticas sob Stalin. E, em 1936, em carta a Horkheimer na qual comenta o ensaio “Egoísmo e Movimento de Emancipação”, anota ter conversado sobre o escrito de Horkheimer, com alguns amigos em companhia de Asja Lacia, a quem atribui “a revelação da atualidade de um comunismo radical”. Nos anos de ascensão do Nazismo, em estado de abandono financeiro e sem o auxílio dos pais empobrecidos,¹⁹ Benjamin afasta-se de suas origens burguesas, se reconhecendo nos deserdados e encontrando em Asja Lacia a revolução proletária.

Em sua correspondência com Benjamin, Scholem indica de que maneira seu amigo associava Asja Lacia a extremos, como uma “imagem dialética”, referindo-se a ela como *Agesilaus Santander*, anagrama de “Anjo Satã”.²⁰ Assim, Benjamin sugere que um anjo, sob os efeitos de uma paixão, ameaça permanentemente transformar-se em demônio. No aforismo “Artigos de papelaria”, de *Rua de mão única*, Benjamin anota, quando de sua visita a Riga:

¹⁸ SCHOLEM, 1983.

¹⁹ Benjamin dependia financeiramente de seus pais, e procurou convencê-los, sem sucesso, de lhe deixarem como herança um pequeno capital que lhe permitiria “ter uma participação em uma livraria de livros usados”. O pai de Benjamin conseguira bem-estar econômico, malgrado “a hostilidade e o desprezo das classes de origem feudal e do ressentimento antisemita das classes médias. [Benjamin] busca sua salvação do lado da ‘assimilação vermelha’ [...], mas reconhece a ambiguidade de suas posições”. Cf. BOUGANIM, Ami. **Walter Benjamin**: le rêve de vivre. Paris: Albin Michel, 2007, p. 37.

²⁰ De múltiplas significações, o anjo demoníaco esconde ou anuncia o Anjo Novo. No livro *Walter Benjamin e seu anjo*, Scholem reconstitui as referências de Benjamin à figura do *Angelus Novus*, evocando os primeiros apontamentos para a elaboração das *Passagens*, bem como as anotações preliminares para seus *Escritos autobiográficos*, citando o nome secreto que, segundo a tradição hebraica, Benjamin recebera de seus pais, “Agesilaus Santander”. Nome enigmático, ele alude ao rei espartano Agesilaus e à cidade espanhola Santander, anagrama de *Der Angelus Satanas*, o Anjo em sua dimensão diabólica. Mas também evoca *Angelus Silesius*, místico cristão, médico e poeta, nascido na Polônia em 1624, personagem, além disso, da lírica barroca, um “anjo saturnino, com uma melancolia inteiramente baudelairiana”. Ele é, também, o anjo intérprete das visões de Daniel – que decifra um sonho do rei Nabucodonosor, dando-lhe um sentido apocalíptico, conseguindo assim salvar-se e a seus amigos –, mas incapaz de compreender as suas próprias, razão pela qual o Anjo Gabriel vem em seu auxílio.

[em uma agenda] onde estão escritos os nomes de meus fornecedores, o lugar onde eu guardo os documentos, os endereços de meus amigos e conhecidos, a hora de um encontro – foi lá que foram anotados por ela concepções políticas, palavras de ordem do partido, profissões de fé. Ela vive numa cidade de sinais secretos e mora num bairro de vocábulos conjurados e associados, em que cada viela adota cores e em que toda palavra tem como eco um grito de guerra.²¹

Eis a mulher-militante, o masculino mesclado ao feminino.²² Benjamin a evoca também, reservadamente, em “Armas e munições”:

Eu chegara a Riga para visitar uma amiga. Sua casa, sua cidade e sua língua me eram desconhecidas. Nenhum ser humano me esperava, ninguém me conhecia. Durante duas horas, andei sozinho pelas ruas. Nunca mais voltei a vê-las daquela maneira. Do pórtico de cada casa, de cada pedra angular de uma esquina (ela podia surgir). Era preciso, contudo, a todo custo, que eu a visse antes que ela me visse. Porque se ela pousasse sobre mim a chama de seu olhar, eu teria voado pelos ares como um depósito de munições.²³

²¹ BENJAMIN, 1987, p. 35. Tradução modificada.

²² Benjamin prefere as designações de masculino e feminino ao invés do dualismo homem e mulher. Em carta a Herbert Blumenthal de 23 de junho de 1913, Benjamin precisa que, nas palavras “homem” e “mulher”, não se deve ver oposição entre sexos: “Eu prefiro falar de masculino e de feminino, porque um e outro se encontram assimilados nos seres humanos e, assim, considero os tipos homem e mulher como algo primitivo no pensamento da humanidade civilizada.” (BENJAMIN, **GS I**, p. 126). Também na personagem de Safo, Benjamin critica a razão dualista (masculina, a do Logos em oposição a Eros) do cálculo, do pensamento abstrato e quantitativo, que tem a pretensão do controle e da dominação. “Ilusão viril”, o Logos opera procurando justificá-los. Benjamin critica igualmente a cultura da verdade, a cultura científica da probabilidade e a pragmática do lucro, que excluem Eros do Logos e da vida Há, simultaneamente, uma reversão dos papéis no pensamento. (Cf. “Sócrates”, em BENJAMIN, 1981). Como escreveu Máximo de Tiro: “Sócrates diz que Eros é sofista; Safo, que ele é tecelão de mitos”. (Cf. BRASIL, Joaquim Fontes. **Eros, tecelão de mitos**. São Paulo: Iluminuras, 2003). Mais tarde, nos anos 1934-1938, Benjamin, dedicando ensaios a Baudelaire, retorna a Safo na modernidade capitalista, invertendo, mais uma vez, as relações entre o masculino e o feminino. Baudelaire no poema “Lesbos”, espera, “como uma mulher”, que o mar em que a poeta se suicidou a traga de volta; coloca-se ainda em lugar de outra mulher, Maria, a “Mãe de Deus”: “Safo que morreu ao blasfemar um dia / quando trocando o rito e o culto por luxúria / Seu belo corpo ofereceu como iguaria / A um bruto cujo orgulho atormentou a injúria / Daquela que morreu ao blasfemar um dia [...] Pois Lesbos me escolheu entre todos no mundo / Para contar de tais donzelas os encantos / E cedo me iniciei no mistério profundo / Dos risos dissolutos e dos turbos prantos; / pois Lesbos me escolheu entre todos no mundo”. (BAUDELAIRE, Charles. **Poemas condenados II: Lesbos. As flores do mal**. Trad. Ivan Junqueira. ed Nova Aguilar, RJ, 1995. Sabe-se que, na versão do Evangelho, Maria foi a escolhida dentre todas as mulheres.

²³ “Armas e munições”, em BENJAMIN, 1987, p. 34.

Eis por que na premissa gnoseológica das *Origens do drama barroco Alemão*, Benjamin cita Platão e sua concepção do amor como chama. Platão escreve no *Fedro*:

O novo iniciado, aquele que contemplou longamente essas realidades inteligíveis, quando vê um rosto divino que imita perfeitamente a verdadeira beleza, ou um corpo igualmente belo, sente primeiro um arrepio, arrepio que logo dá lugar a um calor e a um suor insólitos [...]. Uma vez recebida pelos olhos a emanção da beleza, a pessoa se aquece e a emanção dá essa vitalidade [...] [Porque] a alma a recebeu, sua vitalidade é estimulada; aguilhoada, então, por todos os lados, a alma mergulha loucamente na dor, enquanto que a lembrança que guardou da beleza, ao contrário, a enche de alegria. No delírio em que se encontra, já não pode dormir à noite, nem aquietar-se durante o dia, uma vez que a alma, plena de desejos, corre em direção a todos os lugares em que, imagina ela, poderá ver aquele que possui a beleza.²⁴

O amor é “fogo”, presente embora invisível, em todos os corpos visíveis e tangíveis. O invisível torna-se visível na homogeneização do fogo interior e do exterior; ele abrasa, arrebatava. Composto geometricamente por triângulos, ele perfura, fere e queima:

a sutileza das arestas do fogo, a agudeza de seus ângulos, seus ínfimos corpúsculos, a rapidez de seu movimento, tudo faz que ele seja vivo, que quebre e corte tudo o que encontra. [...] É, pois, essa propriedade, e não uma outra, que torna o fogo capaz de dividir nosso corpo, de fracioná-lo em pedaços.²⁵

Benjamin revela a passagem, em Platão, entre o físico e o metafísico:

[o amor] não se manifesta no desvelamento, mas num processo que pode ser caracterizado metaforicamente como um incêndio, no qual o invólucro do objeto, penetrando na esfera das idéias, se consome em chamas, numa destruição da obra pelo fogo, durante a qual sua forma atinge seu mais alto grau de intensidade luminosa [...]. A beleza em geral continuará fulgurante e palpável enquanto se admitir francamente que ela não passa de simples fulguração. Seu clarão, que seduz, desde que não se deseje mais que o clarão, provoca a inteligência que a persegue e só revela sua inocência quando se refugia no altar da verdade. [...] Verdade não é desnudamento que aniquila o segredo, mas revelação que lhe faz justiça.²⁶

Essa revelação antecipa o futuro como uma premonição, pois, no amor, Benjamin entrecruza o já visto e o nunca visto, porque tem por base a desordem das

²⁴ PLATÃO. *Fèdre*. Trad. Léon Robin. Paris: Les Belles Lettres, 1933, p. 130-131.

²⁵ ANDRADE, Rachel. Do olhar, do amor, da beleza: um estudo sobre o estético em Platão no *Fedro* e no *Timeu*. In: PERINE, Marcelo (Org.). **Estudos Platônicos sobre o Ser e o aparecer, o belo e o bem**. São Paulo: Loyola, 2009.

²⁶ BENJAMIN, 1984, p. 53-54.

lembranças. Assim, no aforismo “Tiergarten” de *Infância berlinense por volta de 1900*, Benjamin expressa os primeiros sortilégios do amor no monumento ao Kaiser e à rainha Luísa²⁷: “deve ter sido perto do pedestal, ou não longe dele, que, pela primeira vez, e para nunca mais esquecer, conheci aquilo cujo nome eu só viria a conhecer mais tarde: o Amor”.²⁸ Em outros fragmentos, Berlim é vista em cores esmaecidas: “Aí pelo fim de minha infância, quando a moda já dava as costas aos panoramas imperiais [telas nas quais se projetavam imagens de viagens, de monumentos, passeios, curiosidades] era comum poder circular nesse espaço meio vazio [...]. Via-se desfilar a cidade com suas janelas brilhantes como espelhos, estações e imensas nuvens de fumaça, encostas cobertas de delicadas folhagens ornamentais – o conjunto profundamente impregnado de uma melancólica atmosfera de adeus”²⁹, o que ocorrera na capital russa.³⁰ E, em seu *Diário de Moscou*, Benjamin relata o dia 19 de dezembro de 1928, passado em companhia da amada. Já é noite e, antes que ela o deixe solitário no hotel, ele lê para ela, como uma despedida, a passagem de *Rua de mão única*, escrita pouco antes:

quem ama não se prende apenas aos erros da amada, nem apenas aos caprichos e às fraquezas de uma mulher; rugas e manchas vermelhas no rosto, vestidos fora de moda e um andar desajeitado o prendem de forma mais duradoura que qualquer beleza [...]. E por quê? Se é correta a teoria segundo a qual nós sentimos uma janela, uma nuvem, uma árvore, não no cérebro, mas primeiro no lugar onde nós o vemos – também estamos fora de nós mesmos quando contemplamos a mulher amada [...]. Ofuscado por seu esplendor, o sentimento voa como um bando de pássaros. E como os pássaros procuram um abrigo entre as ramagens generosas das árvores, os sentimentos também encontram refúgio seguro nas rugas, nos gestos desajeitados e nas simples manchas do corpo amado. Ninguém, ao passar, adivinharia que é justamente aí, no que é imperfeito, censurável, que se aninham os dardos velozes da adoração.³¹

Benjamin viveu o amor da eternidade platônica e o amor fugaz da “Passante”, de Baudelaire. Não por acaso, a “efêmera beldade”, a passante, está vestida de luto, é

²⁷ Esse monumento representava, para os berlinenses, o paradigma do amor conjugal e o ponto de encontro dos amantes na cidade. Agradeço a Nicole Gabriel por essa importante indicação, que pode abrir novos campos de pesquisa sobre a importância do estudo dos monumentos na obra de Benjamin, principalmente em *Passagen-Werk*, e a presença de Riegl em seu pensamento.

²⁸ BENJAMIN, 1987, p. 74. Tradução modificada.

²⁹ BENJAMIN, 1987, p. 76. Tradução modificada.

³⁰ No *Diário de Moscou*, a cidade à qual viajara para encontrar Asja Lacis, Moscou é descrita pelo amante com maravilhamento. Expressando-se em terceira pessoa, Benjamin escreve: “Naquela noite a neve tinha o brilho das estrelas. Ele já tinha visto aquilo em outra ocasião, cristais de neve em seu casaco (dela), do tipo que certamente não se encontra jamais na Alemanha.” BENJAMIN, Walter. **Diário de Moscou**. Trad. Hildegard Herbold. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 72.

³¹ BENJAMIN, **GS IV**, p. 92.

“dor majestosa”.³² No poema, Benjamin reconhece um amor nascido da certeza de que os amantes jamais voltarão a se ver: “nunca mais”, observa Benjamin, “é o ponto culminante do encontro no qual a paixão aparentemente frustrada, fulgura na realidade do poeta como uma chama”.³³ A aparição que a torna desejável é o adeus. Em meio à multidão na qual desaparece, a imagem da “passante”, figura um amor que poderia ter sido e não foi. É um fantasma.

Depois do encontro com Asja Lacis, em 1928, Benjamin vai a Ibiza e se apaixona por duas mulheres, Olga Parem e Anna Maria Blaupot ten Cate, das quais pouco se sabe, senão que foram para ele amores impossíveis. Em suas memórias, Scholem menciona a relação de Benjamin e Olga Parem como comportando grande idealização. Como já se passara com Asja Lacis, Benjamin logo lhe propõe casamento, o que lhe é recusado. E Anna Maria ten Cate é a artista holandesa, que conhecera em Paris, e a quem Benjamin apresenta seu relato autobiográfico “Agesilaus Santander”, um escrito críptico e “quase indecifrável”,³⁴ de um anjo tomado de pavor. Ela é alguém “muito especial”. Em cartas de 12 e 13 de agosto de 1928, Anna Maria ten Cate é a contrapartida feminina do *Angelus Novus*, a “Angela Nova”. Em cartas trocadas com ela, há um clima passionnal, mas somente da parte do filósofo. No rascunho de uma correspondência não remetida, Benjamin anota: “Em seus braços o próprio destino se imobiliza e não tem poder sobre mim. Não pode me surpreender, nem com o terror nem com a felicidade.”³⁵ No anjo satânico, Benjamin reúne traços de Asja Lacis, Jula Cohn e Annamarie ten Cate, escrevendo: “Tive três mulheres bem diferentes em minha vida e tenho em mim três homens. Escrever a história de minha vida significa apresentar a construção e a ruína deles e o compromisso entre eles. Poder-se-ia dizer: um triunvirato.” Amores impossíveis teriam desenvolvido no filósofo a virtude da espera: “Quando um homem se encontra, de repente, com uma mulher que o enfeitiça, ele sem dúvida decide, no caminho de sua vida, ficar atento e esperar até que ela — doente, envelhecida e de vestido surrado — lhe caia nos braços”.³⁶

No amor, a mulher é a figura da espera, a de Penélope, a de Baudelaire-Safo.³⁷ Mas também a espera é a de um homem, Menelau, que, na melancolia pelo abandono de Helena que partiu a Troia, se acha em um palácio que ficou deserto, e as estátuas “vazias dos olhos”.³⁸ Por isso, no amor, todos se encontram na condição da espera. Nesse sentido, Walter Benjamin anotou no fragmento “A febre”:

³² Baudelaire identifica na cor preta da moda no século XIX, ao mesmo tempo a elegância e o luto.

³³ BENJAMIN, 1991.

³⁴ TACKELS, Bruno. **Walter Benjamin**: une vie dans les textes. Arles: Actes Sud, 2009.

³⁵ “Briefe”, em BENJAMIN, **GS**.

³⁶ BENJAMIN, **GS** VI, p. 522.

³⁷ A espera, Benjamin a encontra em Baudelaire no poema dedicado a Safo: “E desde então do alto da Lêucade eu vigio / Qual sentinela de olho atento e indagador / Que espreita sem cessar, barco, escuna ou navio / Para saber se a onda do mar é meiga e boa / Desta Safo viril que foi amante e poeta / Para saber se a onda do mar é meiga e boa”. BAUDELAIRE, 1995b.

³⁸ Cf. EURÍPEDES. **Helena**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2010.

A necessidade de ver chegar o futuro mediante um tempo de espera, tal como o enfermo se apóia na cama mediante os travesseiros que tem às costas – esta foi a causa por que, mais tarde, as mulheres me pareceriam tanto mais belas quanto mais longa e convictamente tivesse de esperá-las.³⁹

Na intensidade da espera manifesta-se o desejo apaixonado (Sehnsucht); é na temporalidade da pura espera que se recolhe o último adeus.⁴⁰

A modernidade que desencantou o mundo, desencantou a seguir o amor.⁴¹ O ideal do feminino não é, agora, nem Safo, nem as “mulheres malditas”⁴², nem Helena de Tróia, mas Olímpia, um autômato, corpo maquínico, “Olímpia, a frígida”.⁴³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. No mundo de Odradek. **Estâncias**: A palavra e o fantasma na cultura ocidental. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- ANDRADE, Rachel. Do olhar, do amor, da beleza: um estudo sobre o estético em Platão no fedro e no Timeu. In: PERINE, Marcelo (Org.). **Estudos Platônicos sobre o Ser e o aparecer, o belo e o bem**. São Paulo: Loyola, 2009.
- BAUDELAIRE, Charles. **O Spleen de Paris**: pequenos poemas em prosa. Trad. Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- BAUDELAIRE, Charles. Poemas condenados II: Lesbos. **As flores do mal**. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, RJ, 1995b.

³⁹ BENJAMIN, 1987, p. 108.

⁴⁰ Em seus escritos autobiográficos, Benjamin anota: “Em suma, nada poderia abalar a paciência de um homem, e as asas de uma tal paciência se assemelhavam àquelas do Anjo, pelo fato de que pouquíssimos [movimentos] bastavam para mantê-lo por muito tempo, imóvel, na presença do objeto do qual o homem tinha se decidido não mais se separar.”. BENJAMIN, **GS VI**, p. 522.

⁴¹ Eros e Logos se tornaram “científicos”, “tecnológicos” (não se diz mais desejo, mas sexologia; não criança, mas pedagogia e educação racional; nem natureza, mas ecologia). Não se trata mais de erotismo, mas de “ciência sexual”. (Cf., em particular, LEFORT, Claude. *Maintenant. Revue Libre*, n. 1, 1977.)

⁴² As prostitutas são, para Benjamin, as herdeiras dos contos-de-fada, prometem puro “prazer” sem compromisso com o casamento e a procriação. (Cf. BENJAMIN, 1987.)

⁴³ Cf. AGAMBEN, Giorgio. No mundo de Odradek. **Estâncias**: A palavra e o fantasma na cultura ocidental. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, 2012. No Conto “O Homem de areia” de Hoffmann, Olímpia é encantadora e, no entanto, um autômato de “inesgotável magnetismo”, como as bonecas para Benjamin: “bonec[a]inanimad[a], rígida e desengonçada, cujo olhar não é embotado mas alquebrado” (BENJAMIN, Walter. **A criança, o brinquedo, a educação**. Trad. Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984, p. 84).

- BENJAMIN, Andrew. Porosity at Edge: Working through Walter Benjamin's 'Naples'. **Architectural Theory Review**, v. 10, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **A criança, o brinquedo, a educação**. Trad. Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.
- BENJAMIN, Walter. Jogo e prostituição. **Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1991
- BENJAMIN, Walter. **Diário de Moscou**. Trad. Hildegard Herbold. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **Gesammelten Schriften**, IV. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.
- BENJAMIN, Walter. **Gesammelten Schriften**, VII. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.
- BENJAMIN, Walter. Kurze Schatten I. **Illuminationen**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. **Obras escolhidas I**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Cleonice Mourão e Irene Aron. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Paris: a cidade no espelho. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOUGANIM, Ami. **Walter Benjamin: le rêve de vivre**. Paris: Albin Michel, 2007.
- BRASIL, Joaquim Fontes. **Eros, tecelão de mitos**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CHAVES, Ernani. Sexo e morte em 'Rua de mão única'. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: Annablume, 1999.
- COQUIO, Catherine. Walter Benjamin et ses bibliothèques: collections et passages. **La revue des ressources**, 20 Out. 2011.
- EURÍPEDES. **Helena**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GIULIANI, Mathias. *Histoire, Langage et Art chez Walter Benjamin et Martin Heidegger*. Paris: Klincksieck, 2014.
- GIULIANI, Mathias. L'amour et l'imagination chez Walter Benjamin: lecture rétrospective de "Enfance berlinoise vers mil neuf cent". **Revue de littérature comparée**, v. 1, n. 325, 2008, p. 79-94.
- LACAN, Jacques. **Angoisse**. Paris: Seuil, 2004.
- LEFORT, Claude. Maintenant. **Revue Libre**, n. 1, 1977.
- MCGILL, Justine. The Porous Coupling of Walter Benjamin. **Angelika**, v. 13, n. 2, Ago. 2008.

- MOTTA, Leda Tenório da. **Vista das musas no trópico**: de volta à crítica da crítica. São Paulo: Lumme, 2016.
- PLATÃO. **Fèdre**. Trad. Léon Robin. Paris: Les Belles Lettres, 1933.
- SCHOLEM, Gershom. **Walter Benjamin**: a história de uma amizade. Trad. Geraldo Gerson de Souza et al. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- SCHOLEM, Gershom. **Walter Benjamin und sein Engel**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983.
- TACKELS, Bruno. **Walter Benjamin**: une vie dans les textes. Arles: Actes Sud, 2009.

Artigo recebido em 15/09/2020
aceito em 15/09/2020